

Palavras importam. Importam também as nuances de como as pronunciamos. O que chamamos de poesia começa justamente quando existe especial carga de atenção e intenção na lida com a linguagem – escrita, falada, desenhada ou performada. Isso não acontece em um só suporte, nem em um só contexto, mas a cada vez que se forma o entendimento compartilhado de que é possível dobrar e multiplicar os sentidos e sentimentos da comunicação. Do Norte ao Sul do Brasil, algo assim tem se expandido com impressionante vitalidade, constância e multiplicidade nos encontros chamados de batalhas de slam.

Momento inaugural do programa *palavra palavra palavra*, o projeto *Poesia em presença – Entre cenas, slam, spoken word e rap* nos oferece uma oportunidade única de experienciar, no Instituto Tomie Ohtake, aspectos de poéticas que formam o slam, junto a criações que dele se abastecem. Com a inquieta curadoria de Dani Nega, batalhas de slam, oficinas, debates e performances reúnem-se em torno da montagem da exposição *Gira da Poesia – 15 anos de slam no Brasil*. Com curadoria de Roberta Estrela D’Alva, Luiza Romão e Julio Ludemir, a mostra originalmente realizada pela Festa Literária das Periferias – Flup no Museu de Arte do Rio – MAR foi reelaborada no nosso espaço expositivo, expandindo-se por estruturas de andaime ao redor da arena/palco que abrigará batalhas e outros encontros de ressonância da palavra performada.

Da Guilhermina, do Corpo, Coalkan, ZAPI!, das Mulé, de Surdes, Interescolar-SP e o Menor Slam do Mundo – slams de diferentes tipos e tamanhos representam, como exemplos, a diversidade de vozes que hoje expandem e atualizam a poesia falada no Brasil. Nossas portas e microfones estão abertos. A poesia, hoje, se faz em presença.

Instituto Tomie Ohtake

ENTRE CENAS,
SLAM,
SPOKEN WORD
E RAP



PRESENÇA, MANDINGA ANCESTRAL

DANI
NEGA

*Poesia em presença – Entre cenas, slam, spoken word e rap é um assentamento, um registro que lança mão da palavra como território. Corpos e corpas, resistindo à chacina de suas identidades ao longo de suas trajetórias, dão pouso à palavra através de significantes, significados, métricas, ritmos, musicalidades, velocidades, texturas e intensidades. Vozes que dão contorno, criam formas e, em ação, constroem possibilidades de contar e recontar suas histórias, firmando e potencializando sua presença. Quem já presenciou um bar inteiro em silêncio para ouvir um poema, tá ligado. Quem já viu jovens organizando suas urgências em forma de poesia, sabe do que estou falando. E uma sala de aula inteira recitando *Negro drama* do Racionais Mc’s? Não é pouca coisa, não! Por entre becos e vielas de nossas quebradas, a poesia brota como flor no asfalto, resistindo aos maus tempos e tornando-se um importante instrumento de emancipação. Cada flor que brota é um eco que reverbera na alma!*

A poesia falada e seus desdobramentos são tantos e tão vastos em nosso país que foi preciso fazer um recorte. Optei por referenciar as poéticas que me constituem como artista: o teatro, o slam, o *spoken word* e o rap. Nasci e fui criada na Rua 10, São Mateus, Zona Leste de São Paulo, famosa pelas festas organizadas pela comunidade e pela minha família. Na minha primeira formação, aos 16 anos, na Escola Livre de Teatro, conheci o Primeiro Ato, uma banda de rap onde brotaram meus primeiros versos. Depois, fiz uma longa e bonita passagem pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, grupo que fundamentou e consolidou a fusão da linguagem do teatro com o hip-hop, onde aprendi e assimilei um conceito que carrego em todos os meus trabalhos, o de atriz-MC: sou agente da minha própria história e não preciso que ninguém a conte por mim; como diz Rappin’ Hood: “eu to com o microfone, é tudo no meu nome”.

Ainda no Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, participei da criação e construção do ZAP! (Zona Autônoma da Palavra), o

primeiro slam do Brasil, onde nasceu a Xouxou, uma personagem/ presença que, em cima de um par de patins coloridos, auxilia na condução da competição, comentando de forma divertida e crítica (ri, mas não desacredita, não). Xouxou tem, ainda, a missão complexa de passar a visão de que a coisa mais importante de uma batalha de poesia não é a competição, mas, sim, o encontro e a celebração, um espaço para reafirmar nossa existência e tramar formas coletivas de sobrevivência.

Que este chão aqui riscado nos lembre sempre da grande magia da construção coletiva: o encontro de nossos corpos, corpas e de nossas poéticas. Por outro lado, e não menos importante, ocupar e presentificar essa polifonia dissidente e periférica em um espaço institucional como o do Instituto Tomie Ohtake, com seu projeto arquitetônico grandioso e situado em um dos bairros mais nobres de São Paulo, é mais do que necessário nestes tempos de retomada. É urgente que essas vozes ecoem para além de seus territórios de origem; é urgente que esse ato de registrar, documentar e apresentar nossa linda e árdua história reverbere em todas as encruzilhadas possíveis.

O teatro, o slam, o *spoken word* e o rap, como a grande maioria das artes da cena, têm em comum a presença, essa mandinga ancestral. É na presença que as poéticas ressoam, é na presença que a gira se move e acontece. Que neste tempo, onde tudo é tão tecnológico e virtual, possamos fazer da poesia presença e instrumento de cura a partir da potência do encontro.





GIRA DA POESIA 15 ANOS DE SLAM NO BRASIL

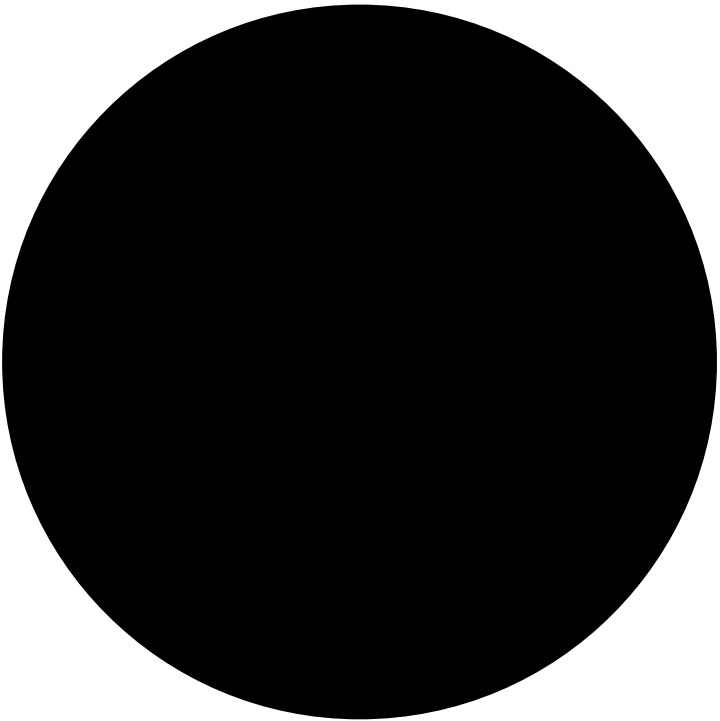
ROBERTA ESTRELA D'ALVA,
LUIZA ROMAO, JULIO LUDEMIR

Os *poetry slams*, ou simplesmente slams, batalhas de poesia falada que emergiram nos Estados Unidos na década de 1980, estabeleceram-se como uma das mais democráticas formas de poesia performática em todo o mundo. Seu surgimento se deu como uma resposta à elitista ideia de que a poesia seria um gênero restrito a círculos acadêmicos, que pertenceria exclusivamente a um ou outro grupo social específico, ou mesmo que existiria somente como manifestação escrita. No Brasil, desde 2008 os slams de poesia têm se alastrado com grande impacto, principalmente entre o público jovem e periférico.

A exposição *Gira da Poesia – 15 anos de slam no Brasil* chega a São Paulo depois de ter sido realizada no Museu de Arte do Rio – MAR pela Festa Literária das Periferias – Flup, que teve sua última edição totalmente dedicada à poesia falada. Agora, a Flup se junta ao Instituto Tomie Ohtake, que sedia e recria a *Gira da Poesia*, para celebrar esse movimento cultural, social e artístico, trazendo ao público um olhar sobre a trajetória do slam de poesia, desde sua chegada ao país até os dias atuais.

Os primórdios em Chicago e Nova York, os antecessores saraus em São Paulo, o espalhamento pelas ruas do país, a criação de slams com recorte de gênero e outros novos formatos, a chegada nas escolas e nas universidades, os campeonatos estaduais, o nacional e os internacionais realizados no país são alguns dos eixos construídos por meio de recortes de memórias, depoimentos, flyers, folders, peças de vestuário, troféus e medalhas de campeonatos, fotos, vídeos, livros, zines, discos, recortes de jornal e algumas obras comissionadas. Entre as imagens, os registros poéticos do fotógrafo Sérgio Silva perpassam toda a exposição e colaboram de maneira decisiva na construção da narrativa.

É um grande desafio contar uma história que pertence a tantas pessoas, com múltiplas facetas e particularidades, e que foi construída por vozes tão diversas. Por meio de um conselho composto por lideranças de comunidades de slam das cinco regiões do Brasil, a curadoria buscou identificar os momentos de destaque com os quais conseguíssemos estabelecer uma narrativa, trazendo a beleza do slam como uma grande gira poética, do ponto de vista da sua produção, circulação e recepção. O que foi compilado até aqui é uma visão, um recorte, já que essa é uma história viva, que continua em constante construção e expansão. Ela está sendo escrita, e sobretudo dita (muito bem dita!), a cada manifestação dessa voz coletiva, dessa voz-entidade que embala o tempo, que dança o ar e faz girar o agora. A cada vez que uma roda de slam é aberta e a gira da poesia acontece em algum lugar do Brasil.



ORIGENS: INFLUÊNCIAS, CRIAÇÃO DO SLAM NOS EUA E SEUS DESDOBRAMENTOS

ORIGENS: INFLUÊNCIAS, CRIAÇÃO DO SLAM NOS EUA E SEUS DESDOBRAMENTOS

O *poetry slam* foi criado pelo operário da construção civil e poeta Marc Kelly Smith, e sua primeira edição aconteceu no dia 20 de julho de 1986 no bar Green Mill Jazz Club, em um bairro de classe trabalhadora no norte de Chicago, nos EUA. As regras originais do slam são: poemas autorais de no máximo três minutos, sem acompanhamento musical, figurinos ou adereços. Um júri popular escolhido entre o público dá notas de 0.0 a 10.0, considerando o texto e a performance, e vence quem tiver a melhor pontuação. O slam inseriu-se em uma ampla e efervescente cena cultural de *spoken word* (palavra falada) estadunidense, influenciando e marcando presença como linguagem na música, em publicações, filmes, pesquisas acadêmicas e espetáculos, além do programa de televisão Def Poetry Jam, que popularizou o slam em todo o país.

A CHEGADA DO SLAM NO BRASIL: ZAP! SLAM

No Brasil, o primeiro slam foi idealizado pela atriz-MC Roberta Estrela D’Alva e realizado em 2008 pelo Núcleo Bartolomeu de Depoimentos na sua antiga sede na Pompeia, em São Paulo. O slam brasileiro torna-se uma das muitas formas de poesia oral e performatizada da nossa cultura, inserindo-se numa ampla e riquíssima tradição de palavra falada. Inspirado no conceito de Zona Autônoma Temporária, de Hakim Bey, o primeiro ZAP! Slam (Zona Autônoma da Palavra) era frequentado por pessoas que nunca tinham recitado poemas, por poetas que já circulavam nos saraus, por artistas que integravam a poesia marginal, e por MCs, rappers e artistas das artes cênicas e performáticas, além de estudantes e poetas que frequentavam microfones abertos de São Paulo.

SLAM BR

O SLAM BR – Campeonato Brasileiro de Poesia Falada, que chegou à sua 10ª edição em 2023, reúne anualmente poetas que venceram os campeonatos estaduais dos *poetry slams* brasileiros e é um dos maiores eventos de slam da América Latina em número de comunidades participantes. Até o ano de 2020, o prêmio do SLAM BR foi a vaga para representar o Brasil na Copa do Mundo de Slam de Poesias, que acontece anualmente em Paris. A partir de 2021, o SLAM BR passou a valer vaga para o Abya Yala Poetry Slam – Copa “América” de Poetry Slam, que, por sua vez, vale vaga para o Campeonato Mundial de Poetry Slam – WPSC, que se propõe a ser mais amplo e democrático.

SLAM GANHA AS RUAS, AS RUAS GANHAM O SLAM

Uma das características centrais do slam brasileiro é que ele acontece principalmente nas ruas. O primeiro a se estabelecer como um slam de rua foi o Slam da Guilhermina, fundado em 2012 por Emerson Alcalde e Vander Che, na praça anexa ao metrô Guilhermina-Esperança, Zona Leste de São Paulo. Na sequência, criado por Adelson Chaves na esteira das Jornadas de Junho de 2013, o Slam Resistência em pouco tempo teve um enorme crescimento, reunindo centenas de pessoas na Praça Roosevelt, centro de São Paulo, para ouvir poesia. Com vídeos viralizados nas redes sociais, o Slam Resistência contribuiu decisivamente para o espalhamento do slam nas cinco regiões do Brasil.

DIFERENÇAS, DISSIDÊNCIAS E DISSONÂNCIAS DOS SLAMS NO BRASIL

A prática do slam tem impulsionado a criação de comunidades e espaços de formação, educação, entretenimento e expressão intelectual e artística. Seu formato pode ser recriado de acordo com as urgências, anseios e necessidades de cada território. Assim, além dos slams com formato “tradicional”, configurações singulares despontam, tais como: slams com recorte de gênero (para mulheres, pessoas trans, não binários e de gêneros dissidentes), slams de duplas entre poetas surdes e ouvintes, slams unicamente para pessoas surdas, slams de poemas curtos, slams de times, slams para a terceira idade, slams com música e slams temáticos (somente com poemas de amor ou eróticos, com temas ecológicos ou voltados para a saúde mental, por exemplo), entre outros que surgiram e ainda estão por surgir.

DA VOZ À LETRA

No trânsito entre letra e voz, performance ao vivo e palavra grafada na página, slammers passam a publicar seus poemas em livros, zines e antologias, se aproximando de uma cena literária independente já existente no Brasil. Se, por um lado, esse movimento tem um caráter bastante autônomo – com publicações artesanais e livros vendidos mão a mão durante as batalhas –, por outro, é notável como o slam, nos últimos anos, tem ocupado espaços no mercado editorial e na literatura mais instituída, com slammers publicando em grandes editoras, integrando antologias históricas e ganhando prêmios literários reconhecidos.

SLAM NAS ESCOLAS

Em 2015, o coletivo Slam da Guilhermina deu início ao projeto Slam Interescolar. A iniciativa se espalhou por outros estados, como Minas Gerais, Espírito Santo e Mato Grosso do Sul, dando origem ao Slam Nacional Interescolar. Em 2016, a Festa Literária das Periferias – Flup iniciou o projeto Slam Colegial, organizando slams em escolas públicas de ensino médio do Rio de Janeiro. Em 2024, o projeto Amazônia das Palavras levou o slam para escolas de comunidades ribeirinhas nos estados de Rondônia e Amazonas. O slam se tornou tema de vestibulares, além de estar presente em livros didáticos, provas e estudos universitários. No âmbito acadêmico, muitas pesquisas têm sido desenvolvidas por slammers e slammasters.





O SLAM POR AI

Em 2017, o slam ganha visibilidade por meio de um quadro semanal no Programa Manos e Minas, apresentado por Roberta Estrela D'Alva e exibido semanalmente pela TV Cultura e afiliadas em todo o Brasil. O documentário *SLAM: voz de levante* (2017), de Tatiana Lohmann e Roberta Estrela D'Alva, que conta a história da chegada do slam ao Brasil, é premiado no Festival do Rio e no FIM Cine. Em 2019, em parceria com a Flup e o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, um slam acontece, pela primeira vez, em um palco da programação oficial da Festa Literária Internacional de Paraty – Flip.

O SLAM E A FLUP

A Festa Literária das Periferias – Flup, criada em 2012 por Ecio Salles e Julio Ludemir, realizou o primeiro campeonato internacional Rio Poetry Slam, em parceria com o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos. Uma rede de intercâmbio foi tecida entre poetas brasileiros e estrangeiros, fortalecendo o slam nacional e criando amizades e colaborações artísticas. A Flup ainda realizou os campeonatos nacionais Flup Slam BNDES e duas edições do SLAM BR, o Abya Yala Poetry Slam, o Slam Cúir, o Slam Colegial, o Slam Coalkan, o Slam das Minas BR, o Slam de Cria e o Trans Slam Internacional. Em 2023, no Rio de Janeiro, foi realizado o Campeonato Mundial de Poetry Slam – WPSC, com a participação de poetas de 40 países, em uma edição da Flup totalmente dedicada à poesia falada.



FLUP POESIA

DIVINA PRADO

Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.

Paulo Freire

No fim da década de 1960, em meio às grandes agitações sociais e políticas pelas quais o Brasil passava, o educador Paulo Freire escreveu *Pedagogia do oprimido* (1968), até hoje um de seus trabalhos mais conhecidos e contemporâneos. De modo categórico, o educador não apenas reconhecia que as estruturas vigentes, inclusive a educação, promoviam a manutenção das desigualdades sociais, mas afirmava que o caminho para superá-las seria coletivo. Freire definia a educação amplamente praticada na época como “educação bancária”, baseada na dominação do educando e na inibição de sua criatividade. Contrária a esse modelo, uma educação libertadora teria entre suas características o diálogo e o estímulo à reflexão crítica, culminando na construção de novas ideias capazes de superar a passividade diante das desigualdades e contradições sociais.

Criado na década de 1980, nos Estados Unidos, o slam espalhou-se por diferentes territórios e se transformou em uma potente ferramenta para o fortalecimento de comunidades em torno de práticas de educação libertária. Em uma batalha de slam, os diferentes sujeitos participantes, investidos de suas percepções sobre o tempo presente e sobre a sociedade à sua volta, contam sobre a maneira pela qual sentem e enfrentam as urgências de suas comunidades, como os debates e denúncias sobre o racismo, a homofobia, a misoginia, as desigualdades sociais e diversas outras manifestações de violência e intolerância à diversidade. Nesse sentido, o slam constitui-se como experiência de educação pública e plural, que pode se manifestar em qualquer lugar e na qual se pratica a liberdade e a livre experimentação de palavras e posturas, emoções e sensações, gestos do corpo e da voz.

Como um jogo, o slam baseia-se em um conjunto de regras que possibilitam a convivência entre diferentes experiências, concepções de mundo e opiniões, em situações em que todas

as pessoas podem ter voz, seja apresentando sua poesia; integrando o júri e atribuindo notas às performances; reagindo às avaliações e ao calor do momento; ou simplesmente estando presentes e deixando-se atravessar pelas palavras.

Geralmente, os jurados são selecionados aleatoriamente entre as pessoas presentes. Ao transferir para a comunidade a responsabilidade de avaliação e atribuição de notas, o slam dissolve as hierarquias entre especialistas – que operam por critérios estritamente técnicos – e pessoas que aprendem e se emocionam com as performances apresentadas. A enunciação do poema e a escuta coletiva são mais importantes que a rima e o rigor, a semântica e a gramática, a métrica e a estética. Nessa conjuntura, marcada pela expressão da liberdade e porosa ao diálogo – mas também ao conflito, que é parte inerente da pluralidade –, surgem situações nas quais se misturam a educação, o entretenimento, o jogo, a arte e a política.

A maleabilidade das diretrizes é parte fundamental do slam, cujas regras e ensinamentos são passados de poeta a poeta, de geração em geração, dissolvendo uma noção de propriedade intelectual única e apresentando-se como prática social e educativa pertencente a todas as pessoas e que, por isso, também pode ser modificada por elas. Essa maneira de compartilhar saberes não nasceu com o slam, mas é parte de suas raízes: em todo o nosso território, numerosos e diversos povos originários e africanos já expressavam e fortaleciam suas práticas sociais em roda, pela oralidade, há muito tempo. Hoje, o slam é também o espaço de expressão dessa ancestralidade e de educação sobre ela.

No slam, as palavras são ações: sem a voz que as enuncia, sem o corpo de onde ecoam, elas não alcançam sua vocação de fomentar a construção de comunidades e identidades políticas. As histórias de cada poeta presente em uma batalha de slam são, também, as histórias de sua comunidade, das pessoas de seu convívio e de seus antepassados. Através da poesia falada, a imaginação política e poética torna-se ferramenta de educação libertadora.

SLAM: PALAVRA VIVA EDUCADORA



Aponte a câmera do seu celular conectado à internet para o código QR ao lado e acesse o **Manual para a criação de um slam na sua escola**, construído pelo Coletivo Slam da Guilhermina para o projeto *Slam Interescolar de São Paulo: Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas*. Lá você vai encontrar mais informações sobre regras, formatos, notas, etapas classificatórias e funções dos diferentes participantes do slam, como slammasters, jurados e matemáticos. O manual pode ajudar a organizar um slam na escola, na biblioteca, no centro cultural, na associação de bairro, na praça e em qualquer outro território.

Words matter. Equally important are the nuances of how we pronounce them. What we call poetry begins precisely when there is a special load of attention and intention in dealing with language – whether written, spoken, drawn, or performed. This does not happen on a single medium or in a single context, but every time there is a shared understanding that it is possible to bend and multiply the meanings and feelings in communication. From North to South Brazil, something like this has been expanding with impressive vitality, constancy, and multiplicity in the gatherings called slam battles.

As the inaugural moment of the program *palavra palavra palavra* [word word word], the project *Poesia em presença – Entre cenas, slam, spoken word e rap* [Poetry in presence – Between scenes, slam, spoken word, and rap] offers us a unique opportunity to experience, at Instituto Tomie Ohtake, aspects of poetics that form slam, alongside creations that draw from it. With the restless curation of Dani Nega, slam battles, workshops, debates, and performances come together around the assembly of the exhibition *Gira da Poesia – 15 anos de slam no Brasil* [Poetry Gira – 15 years of slam in Brazil]. Curated by Roberta Estrela D'Alva, Luiza Romão and Julio Ludemir, the exhibition originally held by Festa Literária das Periferias – Flup at Museu de Arte do Rio – MAR has been reelaborated in our exhibition space, expanding through scaffold structures around the arena/stage that will host battles and other resonant encounters of the performed word.

Da Guilhermina, do Corpo, Coalcan, ZAP!, das Mulé, de Surdes, Interescolar-SP and Menor Slam do Mundo – slams of different types and sizes represent, as examples, the diversity of voices that currently expand and update spoken poetry in Brazil. Our doors and microphones are open. Poetry today is made in presence.

Instituto Tomie Ohtake

PRESENCE, ANCESTRAL CHARM

Poesia em presença – Entre cenas, slam, spoken word e rap [Poetry in presence – Between scenes, slam, spoken word, and rap] is a settlement, a record that uses words as territory. Bodies resisting the massacre of their identities throughout their journeys, give voice to words through signifier, signified, metrics, rhythms, musicalities, speeds, textures, and intensities. Voices that shape, create forms, and, in action, build possibilities to tell and retell their stories, firming and empowering their presence. Anyone who's witnessed an entire bar fall silent to hear a poem knows what I mean. Anyone who has seen young people organizing their urgencies into poetry knows what I'm talking about. What about an entire classroom reciting *Negro drama* by Racionais Mc's? It's no small feat! Through alleys and lanes of our neighborhoods, poetry sprouts like a flower in the asphalt, resisting tough times and becoming a crucial emancipation instrument. Each flower that blooms is an echo that resonates in the soul!

Spoken word and its manifestations are numerous and so extensive in our country that it was necessary to make a selection. I've opted to reference the poetics that shape me as an artist: theater, slam, spoken word, and rap. I was born and raised on Rua 10, São Mateus, in São Paulo's East Zone, famous for the parties organized by the community and by my family. At 16, during my first training at the Escola Livre de Teatro, I got to know Primeiro Ato, a rap band where my first verses came to life. Later, I had an extensive and beautiful experience with Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, a group that pioneered and consolidated the fusion of theater with hip-hop language. Here, I learned and internalized a concept that I carry with me to every job – that of an actress-MC: I am the author of my own story and don't need anyone else to tell it for me. As Rappin'Hood says: "I have the microphone, everything is in my name".

While at Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, I was involved in creating and developing ZAP! (Autonomous Zone of the Word), Brazil's first slam poetry event. It was here where Xouxou was born – a character/presence on colorful roller skates who assists in hosting the competition, offering witty and critical commentary (she laughs, but doesn't discredit). Xouxou also has the complex mission of getting across that the most important thing of a poetry battle isn't the competition itself, but rather the gathering and celebration – a space to reaffirm

our existence and weave collective forms of survival.

May this ground, marked here, always remind us of the profound magic of collective construction: the coming together of our bodies and our poetics. On the other hand, and no less importantly, to occupy and bring forth this dissident and peripheral polyphony in an institutional space like that of Instituto Tomie Ohtake, with its grand architectural project situated in one of São Paulo's most affluent neighborhoods, is more than necessary in these times of resurgence. It is urgent that these voices resonate beyond their original territories; it is urgent that this act of recording, documenting, and presenting our beautiful and challenging history reverberate at every possible crossroads.

Theater, slam, spoken word, and rap, like the vast majority of performing arts, share a common thread: presence, this ancestral charm. It is in presence that poetics resonate; it is in presence that the *gira* moves and unfolds. In this age, where everything is so technological and virtual, may we make poetry a presence and a healing instrument through the power of gathering.

Dani Nega

POETRY GIRA – 15 YEARS OF SLAM IN BRAZIL

Poetry slams, or simply slams, are spoken word poetry battles that emerged in the United States in the 1980s, establishing themselves as one of the most democratic forms of performance poetry worldwide. Their rise was a response to the elitist idea that poetry was a genre restricted to academic circles, which belonged exclusively to a few specific social groups, or even existed solely as a written manifestation. In Brazil, since 2008, poetry slams have spread with great impact, especially among young and peripheral audiences.

The exhibition *Gira da Poesia – 15 anos de slam no Brasil* [Poetry Gira – 15 years of slam in Brazil] arrives in São Paulo after being held at Museu de Arte do Rio – MAR by Festa Literária das Periferias – Flup, whose latest edition was entirely dedicated to spoken word. Now, Flup joins Instituto Tomie Ohtake, which hosts and recreates *Gira da Poesia*, to celebrate this cultural, social, and artistic movement, offering the public a look at the trajectory of poetry slam, from its arrival in the country to the present day.

The beginnings in Chicago and New York, the predecessors of *saraus* [literary gatherings] in São Paulo, the spread through the streets of the country, the creation of slams focused on gender and other new formats, the arrival in schools and universities, and the state, national and international championships carried out in the country are some of the show's axes, built through excerpts of memory, testimonies, flyers, folders, clothing items, championship trophies and medals, photos, videos, books, zines, records, newspaper clippings, and a few commissioned works. Among the images, the poetic shots of photographer Sérgio Silva permeate the entire exhibition and contribute decisively to the construction of the narrative.

It is a great challenge to tell a story that belongs to so many people, with multiple sides and particularities, and which was built by such diverse voices. Through a council composed of leaders from slam communities across the five regions of Brazil, the curatorship sought to identify key moments with which we could establish a narrative, highlighting the beauty of slam as a grand poetic *gira*, from the point of view of its production, circulation, and reception. What has been compiled here is a perspective, a snapshot, since this is live history, which continues in constant construction and expansion. It is being written, and above all, spoken (very well, by the way!), at every manifestation of this collective voice, this voice-entirety that lulls time, dances the air and makes the present spin – every time a slam circle is opened and the poetry *gira* happens somewhere in Brazil.

Roberta Estrela D'Alva, Luiza Romão and Julio Ludemir

ORIGINS: INFLUENCES, CREATION OF SLAM IN THE USA AND ITS DEVELOPMENTS

The poetry slam was created by construction worker and poet Marc Kelly Smith, and its first edition took place on July 20, 1986, at the Green Mill Jazz Club, a bar in a working-class neighborhood

in the north of Chicago, USA. The original rules of slam are: original poems, no longer than three minutes, without musical accompaniment, costumes, or props. A jury chosen from the audience gives scores from 0.0 to 10.0, considering both the text and the performance, and the winner is the one with the highest score. Slam inserted itself into a broad and vibrant cultural scene of spoken word from the USA, influencing and leaving its mark as a language in music, publications, films, academic research, and performances, also through the television show Def Poetry Jam, which popularized slam across the country.

THE ARRIVAL OF SLAM IN BRAZIL: ZAP! SLAM

In Brazil, the first slam was conceived by actress-MC Roberta Estrela D'Alva and held in 2008 by Núcleo Bartolomeu de Depoimentos at its former headquarters in Pompeia, São Paulo. Brazilian slam became one of the many forms of oral and performative poetry in our culture, inserting itself into a broad and rich tradition of spoken word. Inspired by the concept of Temporary Autonomous Zone by Hakim Bey, the first ZAP! Slam (Autonomous Zone of the Word) was attended by people who had never recited poems, poets who were already circulating in *saraus* [literary gatherings], artists involved in marginal poetry, as well as MCs, rappers, and artists from the theater and performing arts, alongside students and poets who frequented open microphones in São Paulo.

SLAM GAINS THE STREETS, THE STREETS GAIN SLAM

One of the central characteristics of Brazilian slam is that it mainly takes place in the streets. The first to establish itself as a street slam was Slam da Guilhermina, founded in 2012 by Emerson Alcalde and Vander Che, in the square adjacent to the Guilhermina-Esperança metro station, in the East Zone of São Paulo. Subsequently, created by Adelson Chaves in the wake of the June 2013 protests, Slam Resistência quickly grew, gathering hundreds of people in Praça Roosevelt, downtown São Paulo, to listen to poetry. With videos going viral on social media, Slam Resistência decisively contributed to the spread of slam across the five regions of Brazil.

DIFFERENCES, DISSIDENCE, AND DISSONANT VOICES IN SLAMS IN BRAZIL

The practice of slam has fostered the creation of communities and spaces for education, entertainment, and intellectual and artistic expression. Its format can be recreated according to the urgencies, aspirations, and needs of each territory. Thus, in addition to "traditional" slam formats, unique configurations have arisen, such as: slams focused on gender (for women, trans, non-binary, and dissident genders), slams featuring pairs of deaf and hearing poets, slams exclusively for deaf people, short poem slams, team slams, slams for the elderly, musical slams, and thematic slams (dedicated solely to love or erotic poems, ecological themes, or

mental health issues, for example), among others that have emerged and are yet to come.

SLAM BR

SLAM BR – Brazilian Championship of Spoken Poetry, which reached its 10th edition in 2023, annually brings together poets who have won state championships of Brazilian poetry slams and is one of the largest slam events in Latin America in terms of the number of participating communities. Until 2020, the prize for SLAM BR was the opportunity to represent Brazil at the Grand Poetry Slam, held annually in Paris. Starting in 2021, SLAM BR began qualifying participants for the Abya Yala Poetry Slam – "America" Poetry Slam Cup, which in turn offers a spot at the World Poetry Slam Championship – WPSC, a competition that aims to be broader and more democratic.

SLAM IN SCHOOLS

In 2015, the Slam da Guilhermina collective launched the *Slam Interescolar* [Inter-school Slam] project. The initiative spread to other states such as Minas Gerais, Espírito Santo, and Mato Grosso do Sul, giving rise to Slam Nacional Interescolar [National Inter-school Slam]. In 2016, Festa Literária das Periferias – Flup started the *Slam Colegial* project, organizing slams in public high schools in Rio de Janeiro. In 2024, the project *Amazônia das Palavras* took slam to schools in riverside communities in the states of Rondônia and Amazonas. Slam has become a topic in *vestibulares* [Brazilian universities' entrance exams], as well as being present in textbooks, tests, and university studies. In academic circles, numerous research projects have been conducted by slammers and slammasters.

FROM VOICE TO LETTER

In the transition from voice to letter, from live performance to word inscribed on the page, slammers have begun publishing their poems in books, zines, and anthologies, drawing closer to an existing independent literary scene in Brazil. On the one hand, this movement is quite autonomous, with artisanal publications and books sold hand-to-hand during battles. On the other hand, it is remarkable how slam poetry has increasingly occupied spaces in the editorial market and more established literature in recent years, with slammers launching works with major publishing houses, integrating historical anthologies, and winning recognized literary awards.

SLAM ALL AROUND

In 2017, slam gained visibility through a weekly segment on the Manos e Minas show, presented by Roberta Estrela D'Alva and broadcast weekly on TV Cultura and its affiliates throughout Brazil. The documentary *SLAM: voz de levante* [SLAM: voice of uprising] (2017), by Tatiana Lohmann and Roberta Estrela D'Alva, which tells the story of slam's arrival in Brazil, won awards at the Rio de Janeiro Int'l Film Festival and FIM Cine. In 2019, in partnership with Flup and Núcleo Bartolomeu de Depoimentos a slam took place for

the first time on a stage in the official program of Festa Literária Internacional de Paraty – Flip.

SLAM AND FLUP

Festa Literária das Periferias – Flup, created in 2012 by Ecio Salles and Julio Ludemir, organized the first international championship Rio Poetry Slam, in partnership with Núcleo Bartolomeu de Depoimentos. A network of exchange was woven between Brazilian and foreign poets, strengthening the national slam scene and fostering friendships and artistic collaborations. Flup also hosted the national championships Flup Slam BNDES and two editions of SLAM BR, as well as the Abya Yala Poetry Slam, Slam Cúir, Slam Colegial, Slam Coalcan, Slam das Minas BR, Slam de Cria and Trans Slam Internacional. In 2023, the World Poetry Slam Championship – WPSC was held in Rio de Janeiro, with poets from 40 countries participating in an edition of Flup entirely dedicated to spoken poetry.

SLAM: LIVING EDUCATOR WORD

Nobody gives freedom to anyone else, nobody can even free himself all alone; [people] free themselves in communion.
Paulo Freire

In the late 1960s, amid the profound social and political upheavals Brazil was undergoing, educator Paulo Freire wrote *Pedagogy of the oppressed* (1968), one of his most renowned and contemporary works to this day. Categorically, Freire not only recognized that existing structures, including education, promoted the maintenance of social inequalities but also asserted that the path to overcoming them would be collective. Freire defined the education widely practiced at the time as "banking education," based on the domination of the learner and the inhibition of their creativity. Contrary to this model, a liberating education would feature dialogue and encourage critical reflection, culminating in the construction of new ideas capable of overcoming passivity in the face of social inequalities and contradictions.

Created in the 1980s in the United States, slam poetry spread across different territories and transformed into a powerful tool for strengthening communities around practices of liberating education. In a slam battle, the diverse participants, informed by their perceptions of the present moment and society around them, express how they feel and confront the urgencies of their communities. This includes debates and denunciations of racism, homophobia, misogyny, social inequalities, and various other forms of violence and intolerance towards diversity. In this sense, slam constitutes an experience of public and plural education that can manifest anywhere and in which one practices freedom and the unfettered experimentation of words and attitudes, emotions and sensations, the body and the voice.

Like a game, slam is based on a set of rules that enable the coexistence of different experiences, worldviews, and opinions, in

situations in which everyone can have a voice. This may involve presenting one's poetry, participating as a judge and scoring performances, reacting to evaluations and to the intensity of the moment, or simply being present and allowing oneself to be moved by the words.

Judges are typically randomly selected from the audience. By transferring the responsibility of evaluation and scoring to the community, slam dissolves hierarchies between experts – whose criteria are strictly technical – and those who learn and are moved by the performances presented. The enunciation of the poem and collective listening are deemed more important than rhyme and rigor, semantics and grammar, meter and aesthetics. In this setting, marked by freedom of expression and open to dialogue – but also to inherent conflict, which is a natural part of plurality –, situations arise in which education, entertainment, play, art, and politics converge.

The flexibility of guidelines is a fundamental aspect of slam, whose rules and teachings are passed down from poet to poet, generation to generation, dissolving a notion of singular intellectual property and presenting itself as a social and educational practice belonging to all people, thus open to modification by them. This way of sharing knowledge did not originate with slam but is rooted in its history: across our territory, numerous and diverse Indigenous and African peoples have long expressed and strengthened their social practices in circles, through oral traditions. Today, slam also serves as a space for the expression of this ancestry, as well as for education about it.

In slam, words are actions: without the voice that utters them, without the body from which they resonate, they do not fulfill their potential to foster the construction of communities and political identities. The stories of each poet in a slam battle are also the stories of their community, the people they interact with, and their ancestors. Through spoken poetry, political and poetic imagination becomes a tool for liberating education.



Scan the QR code with your internet-connected smartphone to access **Manual para a criação de um slam na sua escola** [Manual for creating a slam at your school], developed by Slam da Guilhermina Collective for the Project *Slam Interescolar de São Paulo: Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas* [São Paulo Inter-school Slam: From the Streets to the Schools, from the Schools to the Streets]. There you will find more information about rules, formats, scoring, qualifying stages, and the roles of different slam participants such as slammasters, judges, and scorekeepers. The manual can help organize a slam at school, in the library, at a cultural center, neighborhood association, square, or any other territory.

Divina Prado



